



Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação

Coordenação de Biblioteca

<http://bd.camara.gov.br>

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."



O Navio Negreiro e Vozes d'África

Castro Alves

série
**Prazer
de Ler**

Brasília, 2013



Câmara dos
Deputados



**O Navio Negreiro
e Vozes d'África**
Castro Alves

Mesa da Câmara dos Deputados
54ª Legislatura – 1ª Sessão Legislativa
2011-2015

Presidente

Marco Maia

1ª Vice-Presidente

Rose de Freitas

2º Vice-Presidente

Eduardo da Fonte

1º Secretário

Eduardo Gomes

2º Secretário

Jorge Tadeu Mudalen

3º Secretário

Inocência Oliveira

4º Secretário

Júlio Delgado

Suplentes de Secretário

1º Suplente

Geraldo Resende

2º Suplente

Manato

3º Suplente

Carlos Eduardo Cadoca

4º Suplente

Sérgio Moraes

Diretor-Geral

Rogério Ventura Teixeira

Secretário-Geral da Mesa

Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida



Câmara dos
Deputados

O Navio Negreiro e Vozes d'África

Castro Alves

série
Prazer
de Ler

Centro de Documentação e Informação
Edições Câmara
Brasília | 2013

CÂMARA DOS DEPUTADOS

DIRETORIA LEGISLATIVA

Diretor: Afrísio Vieira Lima Filho

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Diretor: Adolfo C. A. R. Furtado

COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA

Diretor: Daniel Ventura Teixeira

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Diretora: Sueli Navarro

RELAÇÕES PÚBLICAS E DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

Diretor: Flávio Elias Ferreira Pinto

Os textos dos poemas *O Navio Negreiro* e *Vozes d'África* foram extraídos, respectivamente, dos portais Fundação Biblioteca Nacional (http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/o%20navio%20negreiro.pdf) e Domínio Público (http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16725).

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Coedi

Anexo II – Térreo – Praça dos Três Poderes

Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5809; fax: (61) 3216-5810

editora@camara.leg.br

Coordenação Edições Câmara

Projeto gráfico: Janaina Coe

Diagramação e capa: Janaina Coe

Imagem da capa e do miolo: *Navio Negreiro*, de Josafá Neves

Pesquisa e revisão: Seção de Revisão e Indexação

SÉRIE

Prazer de ler

n. 5

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Alves, Castro, 1847-1871.

O navio negreiro e *Vozes d'África* / Castro Alves. [recurso eletrônico] – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

33 p. – (Série prazer de ler ; n. 5)

ISBN 978-85-736-5916-0

1. Poesia, Brasil. I. Título. II. Título: *Vozes d'África*. III. Série.

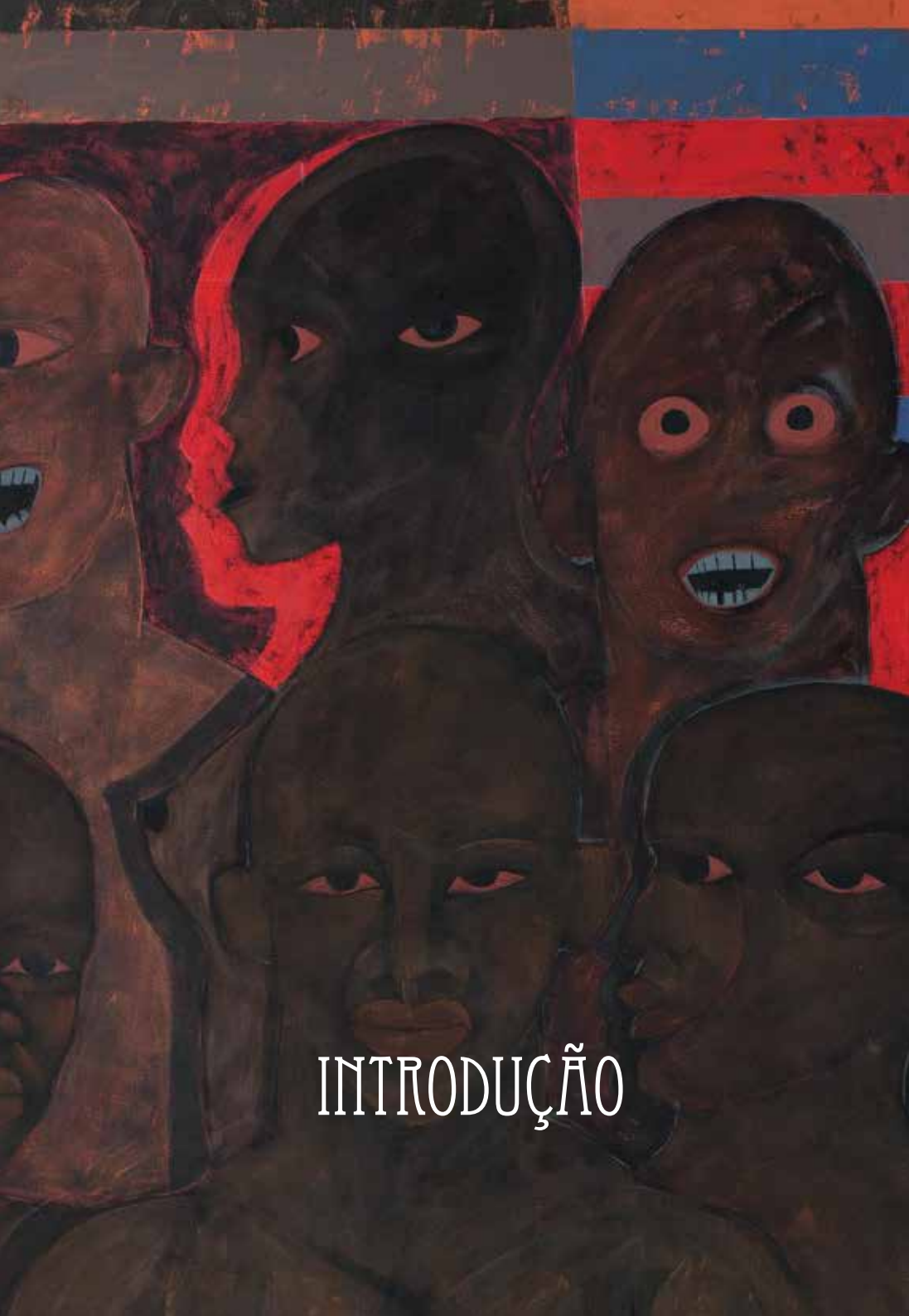
CDU 869.0(81)

ISBN 978-85-402-0055-5 (brochura)

ISBN 978-85-736-5916-0 (e-book)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O NAVIO NEGREIRO	17
VOZES D'ÁFRICA	29



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

“A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor”

Castro Alves

Em apenas 24 anos de vida, Castro Alves consagrou-se como poeta brilhante. Sua obra ainda se mantém atual e é vista como parte importante da história da literatura brasileira.

Entre as décadas de 1860 e 1870, quando Castro Alves produziu a maior parte dos seus poemas, o Brasil era um país independente há menos de meio século, havia superado duros conflitos internos e enfrentava a Guerra do Paraguai (1865-1870). Os principais centros urbanos eram Recife, Salvador, São Paulo e a capital, o Rio de Janeiro, cidades por onde o poeta passou e se destacou.

Antônio Frederico de Castro Alves (nome de registro) nasceu na Bahia em 14 de março de 1847, na cidade de Currupano (atual Castro Alves). Ainda pequeno, em 1853, mudou-se com a família para Salvador e estudou em um colégio de prestígio, onde foi contemporâneo de Rui Barbosa. Naquela época, já ensaiava o contato com a poesia, hábito comum entre os homens das camadas mais elevadas da sociedade. Seu pai, médico conceituado, nutria grande interesse por arte e possuía uma das maiores coleções de pintura de Salvador. Ele mantinha em sua casa considerável biblioteca e foi um dos fundadores da Sociedade de Belas Artes, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Grêmio Literário – entidades que abrangiam grande parte da vida cultural da cidade. Castro Alves, portanto, cresceu em meio aos extratos mais elevados e ilustrados da sociedade de Salvador.

Como outros jovens da elite, Castro Alves mudou-se para Recife com o objetivo de ingressar na Faculdade de Direito. Passou dois anos se preparando para a seleção e, após duas tentativas frustradas, foi aprovado em 1864, aos 17 anos. Na época, havia poucas opções de cursos superiores no Brasil – basicamente engenharia, medicina e direito, concentrados nos centros urbanos mais desenvolvidos. Enquanto vivia em Pernambuco, ele sofreu duas grandes perdas: a morte de seu irmão por suicídio, em 1864, e a de seu pai, em 1866.

O período em Recife foi determinante para a afirmação de Castro Alves como poeta. Lá começou a escrever, a declamar em público e passou a ser requisitado e aplaudido por grande plateia. Além de produzir textos de boa qualidade, ele tinha forte presença quando declamava: era um homem ativo, de cabelos negros esvoaçantes, usava roupa preta contrastando com sua pele pálida e sua voz alta e sonora arrebatava o público.

Na capital pernambucana, Castro Alves começou a declamar versos antiescravagistas em eventos oficiais, participou do movimento pela libertação dos escravos juntamente com outros jovens intelectuais e, com eles, ajudou a criar, em 1866, uma sociedade abolicionista. Em Recife, também passou a defender a República e os princípios liberais. O movimento abolicionista realizava comícios públicos, muitos reprimidos pela polícia, que contavam com sua presença e seus poemas.

Ainda em Recife, Castro Alves conheceu a atriz portuguesa Eugênia Câmara, que teve grande influência em sua vida e por quem se apaixonou. Em 1867, acompanhou Eugênia em viagem para a Bahia, onde se apresentaram e fizeram grande sucesso. No mesmo ano, ele concluiu a peça teatral *Gonzaga*, de forte cunho político, em defesa do abolicionismo e da República. A peça, que abordava a Inconfidência Mineira, foi encenada em Salvador e ganhou aplausos entusiasmados.

No ano seguinte, no Rio de Janeiro, Castro Alves foi recebido por José de Alencar e Machado de Assis, levando cartas de apresentação de pessoas ilustres de Salvador. Essas visitas proporcionaram muitos elogios ao jovem poeta em uma troca de cartas entre os dois célebres escritores, publicadas no jornal *Correio Mercantil*. Machado de Assis escreveu a José de Alencar: “Não podiam ser melhores as impressões. Achei uma vocação literária, cheia de vida e robustez, deixando antever nas magnificências do presente as promessas do futuro. Achei um poeta original”. As cartas abriram ao talentoso baiano as portas no meio literário da capital do Império.

Em março de 1868, Castro Alves foi para São Paulo concluir seu curso de direito. As faculdades de direito do Recife e de São Paulo foram as primeiras instituições de nível superior criadas no Brasil. Além de serem o principal destino dos filhos da elite brasileira, também constituíam o polo de recepção das novas ideias oriundas da Europa. As duas instituições viviam em constante efervescência política e intelectual.

Ao chegar a São Paulo, Castro Alves já havia alcançado prestígio e foi recebido como um grande poeta. A Faculdade de Direito se agitava em torno do abolicionismo e da República. Entre os estudantes, vários tiveram destaque na história do país: o intelectual Rui Barbosa, o abolicionista Joaquim Nabuco, os futuros presidentes da República Rodrigues Alves e Afonso Pena, entre outros. Na cidade, ele escreveu *O navio negreiro*, *Vozes d’África* e uma série de poemas de destaque em sua obra, os quais teve oportunidade de recitar em diversos locais.

Castro Alves foi um dos precursores do movimento abolicionista, que se desenvolveu bastante na década de 1870, quando Brasil e Cuba eram os últimos países no mundo a manter a escravidão. Ele posicionou-se abertamente em um momento crucial para a mudança dos parâmetros

políticos e culturais que levaram à abolição da escravatura, em 1888, e à proclamação da República, em 1889. Por isso, sua figura ficou conhecida como Poeta dos Escravos.

Como representante do Romantismo, movimento que dominou a literatura brasileira em meados do século XIX, Castro Alves distinguiu-se por criar uma poesia comprometida com os ideais que defendia. Seu diferencial foi introduzir na cena literária do país as temáticas do negro e da escravidão, adotando uma postura de total engajamento na luta pela abolição. É também característica de sua obra a constante utilização de imagens grandiosas nos poemas que são voltados para os desvalidos da sociedade. Castro Alves foi ainda o poeta do amor, da liberdade e do nacionalismo.

Em *O navio negreiro*, Castro Alves opõe a natureza harmoniosa à brutalidade da escravidão e convoca os homens a colocarem-se contra esse horror. E em *Vozes d'África*, apresenta o martírio do continente, que é personificado para expressar a dor e a indignação com o cativeiro de sua gente.

Castro Alves publicou em vida apenas um livro, *Espumas flutuantes*, em 1870. As demais obras foram publicadas postumamente. Toda a sua produção literária foi elaborada entre 1862, quando foi para Recife se preparar para o ingresso no curso de direito, e 1871, ano de sua morte. Uma década foi suficiente para que ele deixasse sua marca na história da literatura brasileira.

Em seus últimos anos, Castro Alves viveu dramas particulares. Em novembro de 1868, durante uma caçada, foi atingido por um tiro no calcanhar esquerdo, o que levaria à amputação de seu pé. E em 1869, a tuberculose manifesta-se com maior vigor, o que levou o poeta a viajar

para sua cidade natal a fim de se restabelecer. Após alguns meses, ele retorna a Salvador onde faleceu no dia 6 de julho de 1871.

A poesia de Castro Alves retrata mais do que os dramas de sua época ao focar, na realidade, o destino humano e os oprimidos. Daí a sua atualidade.

Referências

ALVES, Castro. *O navio negreiro*: tragédia no mar. São Paulo: Global, 2008. Pref. André Seffrin.

CLARET, Martin (coord.). *Os escravos*: Castro Alves. São Paulo: Ed. M. Claret, 2007.

COSTA E SILVA, Alberto. *Castro Alves*: um poeta sempre jovem. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

PASSONI, Célia A. N. (org.). *Melhores poesias*: Castro Alves. São Paulo: Ed. Núcleo, 1996. Pref. André Bento Augusto.

SILVA, Francisco Pereira da. *Castro Alves*. Superv. Afonso Arinos de Mello Franco. São Paulo: Ed. Três, 1974.



O NAVIO NEGREIRO

O NAVIO NEGREIRO

Castro Alves

I

‘**S**tamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

‘Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 “Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
...Adeus, ó choça do monte,
...Adeus, palmeiras da fonte!...
...Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão!
 Hoje... o porão negro, fundo,
 Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer...
 Prende-os a mesma corrente
 — Férrea, lúgubre serpente —
 Nas roscas da escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoute... Irrisão!...

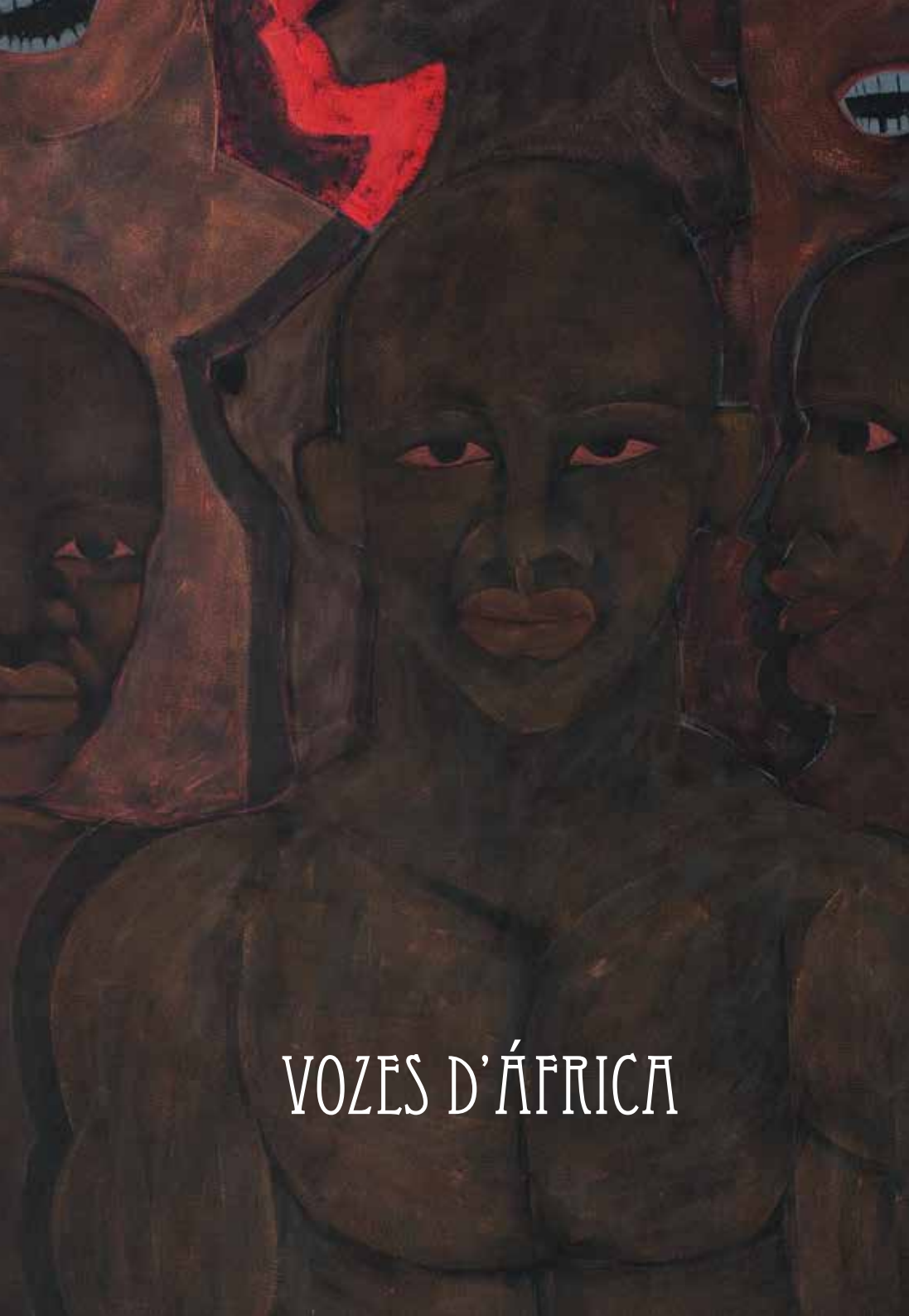
Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!



VOZES D'ÁFRICA

VOZES D'ÁFRICA

Castro Alves

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
— Infinito: galé!...
Por abutre — me deste o sol candente,
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do simoun dardeja
O teu braço eternal.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
 Em meio das areias esgarrada,
 Perdida marcho em vão!
 Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
 talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
 Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...
 Para cobrir-me nem um templo resta
 No solo abrasador...
 Quando subo às Pirâmides do Egito
 Embalde aos quatro céus chorando grito:
 “Abriga-me, Senhor!...”

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
 Velo a cabeça no areal que volve
 O siroco feroz...
 Quando eu passo no Saara amortalhada...
 Ai! dizem: “Lá vai África embuçada
 No seu branco albornoz...”

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
 Que o silêncio campeia solitário
 Por sobre o peito meu.
 Lá no solo onde o cardo apenas medra
 Boceja a Esfinge colossal de pedra
 Fitando o morno céu.

Vi a ciência desertar do Egito...
 Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
 Trilho de perdição.
 Depois vi minha prole desgraçada
 Pelas garras d'Europa — arrebatada —
 Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sobre um monte
 Teu sangue não lavou de minha fronte
 A mancha original.
 Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos — alimária do universo,
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre
 Condor que transformara-se em abutre,
 Ave da escravidão,
 Ela juntou-se às mais... irmã traidora
 Qual de José os vis irmãos outrora
 Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
 Role através dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus!
 Há dois mil anos eu soluço um grito...
 escuta o brado meu lá no infinito,
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

São Paulo, 11 de junho de 1868.

Conheça outros títulos da Edições Câmara
no portal da Câmara dos Deputados:
www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes

